

ELAS SE CALAM OU SÃO CALADAS? Relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática

Lindamir Salete Casagrande – GeTec/PPGTE/UTFPR¹
Marília Gomes de Carvalho – GeTec/PPGTE/UTFPR

RESUMO

O objetivo desta comunicação é apresentar uma parcela dos resultados da pesquisa para realização da tese de doutorado cujo objetivo foi analisar as relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. A pesquisa foi realizada em um colégio da rede estadual de ensino de Curitiba. Utilizou-se do método etnográfico com observação, entrevista e análise de documentos para a coleta/produção de dados. A análise foi feita com base na teoria de gênero buscando identificar o dito e silenciado acerca das relações de gênero presentes naquele espaço. Os resultados apontam um silenciamento das relações de gênero e das alunas. Elas parecem ter absorvido a ideia de que devem ouvir mais do que falar, de que não devem se expor. Apontam ainda a necessidade que alunos e alunas tem de serem reconhecidos/as como pertencentes ao grupo. Essa necessidade contribuía para seu silenciamento. Professores/as e alunos/as percebiam as meninas como passivas e organizadas e os meninos como ativos e criativos. De modo geral, as percepções eram baseadas em estereótipos do que é ser homem ou mulher na sociedade atual, fato que demonstra que desde muito cedo estes estereótipos são absorvidos por meninas e meninos e passam a fazer parte de suas formas de pensar e ver as relações cotidianas.

Palavras-Chave: Relações de Gênero. Aulas de Matemática. Alunos e alunas.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem como objetivo contribuir para a discussão da temática de gênero e educação no meio acadêmico. A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada durante o período de 2008 a 2011 para a realização de uma tese de Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método etnográfico que prevê vários métodos de coleta de dados. Neste caso, utilizei a entrevista, a observação e a análise de documentos. Os resultados aqui apresentados são oriundos da triangulação dos dados obtidos por meio das três formas de coleta/produção de dados.

¹ Doutorado¹ desenvolvido junto ao Programa de pós-graduação em Tecnologia - PPGTE da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. A tese foi defendida em dezembro de 2011 junto àquele programa.



Foram pesquisadas quatro turmas do ensino fundamental, 5^a a 8^a séries² de um colégio localizado na área central de Curitiba, capital do Paraná. A escolha do colégio se deu pelo fato de ser um dos sete colégios curitibanos com mais de 100 anos, por este motivo denominei de Colégio Centenário e por ter tradição de oferecer um ensino de boa qualidade na percepção da comunidade curitibana. A escolha das turmas se deu com base no horário das aulas para que eu pudesse assistir o maior número possível de aulas em cada turma. Fez-se observação por seis meses das aulas de Matemática das turmas escolhidas. Destas turmas foram selecionados/as quarenta estudantes (vinte de cada sexo e dez de cada turma) para a entrevista. Entrevistou-se ainda os/as professores/as de Matemática (dois homens e duas mulheres) das referidas turmas e fez-se a análise de documentos que continham as notas dos/as alunos/as.

A possibilidade de se conhecer um pouco mais esta temática me levou a pesquisar as de aula de Matemática. Outro fator a influenciar foi a minha formação em Licenciatura em Matemática que me desperta interesse em estudar esta disciplina. Os resultados deixam-me feliz e preocupada ao mesmo tempo. Feliz por apresentar um trabalho que pode contribuir com a reflexão sobre a temática e preocupada por perceber que ainda ocorrem situações de discriminação e silenciamento de uma parcela significativa da população escolar (as meninas) no meio educacional brasileiro.

Para a realização desta pesquisa partiu-se do pressuposto de que o gênero é uma das categorias importantes nos estudos sobre a sociedade. A categoria gênero pode ser entendida “como uma linguagem, uma forma de comunicação e ordenação do mundo, que orienta a conduta das pessoas em suas relações específicas, e que é, muitas vezes, base para preconceitos, discriminação e exclusão social” (SIMIÃO, 2005: p. 13). Para Felipe e Guizzo (2003: p. 121), gênero está “relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas”. Já Scott (1995) considera que as relações de gênero são também relações de poder.

² Esta era a nomenclatura utilizada na época da pesquisa e equivale ao 6º ao 9º ano na atualidade.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Para este artigo, parte-se do pressuposto de que o gênero é social e culturalmente construído. Representa e estabelece relação de poder entre os sujeitos de cada gênero e mesmo entre sujeitos do mesmo gênero (SCOTT, 1995; COSTA, 1994). Assim, todos os segmentos da sociedade contribuem para esta construção, inclusive a escola e os sujeitos que nela atuam.

Com relação à escola, parte-se do pressuposto de que ela não atua somente como mantenedora da cultura dominante e das regras estabelecidas pela sociedade. Pode ser um instrumento importante na transformação de tais normas para assegurar a todos/as o direito à educação. Desta forma, tem papel importante na construção das identidades de gênero dos/as estudantes, porém não é a única instituição responsável por esta construção. Outras instituições como família e igreja, além da mídia e do convívio em sociedade contribuem de forma significativa para esta construção. Como a pesquisa aqui apresentada foi realizada na escola, o artigo versará sobre o papel da escola nesta construção, porém sempre tendo em mente as demais instâncias que constituem os sujeitos.

Com este olhar adentrei a sala de aula e observei o que ocorria lá e uma parcela dos resultados trago neste artigo.

A VERGONHA E A NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO

O ambiente da sala de aula se mostrou riquíssimo em relações de toda a espécie. Ali pode-se perceber relações de amizade e de implicância, tanto por parte das meninas quanto por parte dos meninos. Esses comportamentos ocorriam, na maioria das vezes, entre estudantes do mesmo sexo. As vezes até uma certa violência foi percebida na relação entre os/as colegas, de modo especial entre os meninos. Salientamos que segundo Cruz e Carvalho (2006), muitas vezes o comportamento que parece aos/às observadores/as externos/as como agressivos são na realidade uma forma que os/as estudantes encontram para interagir com o/a outro/a, é na verdade, um convite para a brincadeira. Estes comportamentos são percebidos, na maioria das vezes como normal do processo de formação das



crianças e adolescentes. Porém, em alguns casos podem se configurar em *bullying* e causar danos aos/às estudantes.

Pôde-se perceber que as meninas eram mais contidas em suas manifestações, porém suas intenções eram igualmente alcançadas. Se mostravam, aparentemente mais concentradas e interessadas na aula. Dizemos aparentemente pois este comportamento não se traduzia em melhor rendimento e, desta forma, podemos inferir que o fato de serem mais silenciosas não significava que estavam mais atentas as explicações dos/as professores/as e tampouco compreendendo melhor o conteúdo exposto pelos/as professores/as.

Durante as observações e as entrevistas ficou evidente que os/as estudantes tinham uma necessidade de serem aceitos/as e percebidos/as como pertencente ao grupo. A imagem que os/as colegas faziam deles/as era fundamental para a maioria dos/as estudantes. Os/as entrevistados/as alegaram se sentir magoados/as com comentários feitos pelos/as colegas. Bianca, aluna da 5ª série, deixou evidente este sentimento no excerto a seguir.

A: E como você acha que as pessoas que perguntaram se sentem quando alguém tira sarro delas?

B: Elas se sentem magoadas.

A: Já tiraram sarro de alguma pergunta que você fez?

B: Eu não faço pergunta então não tem... eu não faço pergunta. (Bianca³, 5ª série)

Salienta-se que este é um comportamento dos/as jovens não só em sala de aula. A necessidade de pertencimento se manifesta no dia a dia dos/as mesmos/as quando alegam juntos aos pais que precisam de um determinado objeto pois todos/as os/as seus colegas têm e ele/ela não pode ser diferente.

Uma das consequências desta necessidade de pertencimento é o silenciamento. Muitos/as não se manifestavam e não expunham suas dúvidas por receio do que os/as colegas e até os/as professores/as iriam pensar sobre eles/elas. Este receio se devia ao fato de que se eles/elas fizessem uma colocação acertada eram taxados como “*nerd*” e se fizessem uma colocação equivocada ouviam um sonoro “*eh burro*”. Os/as estudantes não queriam se enquadrar em nenhuma destas

³ Todos os nomes aqui utilizados são fictícios e foram escolhidos pelos/as participantes.



categorias e por isso se calavam. Ou seja, o receio do que os/as outros/as iriam pensar, da imagem que os/as colegas iriam fazer a seu respeito acabava por inibi-los/as e fazer com que permanecessem com as dúvidas sobre o conteúdo da aula.

A vergonha foi um fator recorrente na fala dos/as estudantes e dos/as professores/as. Francisco, aluno da 6ª série deixava evidente esta percepção. Cabe ressaltar que a compreensão do conteúdo de Matemática é melhor quando se dirime as dúvidas. O fato de não perguntarem e seguirem com as dúvidas contribui para que o rendimento dos/as estudantes não seja melhor ou se aproxime do desejado. Em estudo realizado por CASAGRANDE e CARVALHO (2011) com análise dos rendimentos dos/as estudantes do colégio no qual foi realizada a pesquisa percebeu-se que as notas dos/as estudantes eram baixas, ficando pouco acima da média necessária para a aprovação no estado do Paraná que, na época da pesquisa, era 60. Se os/as estudantes perguntassem mais, participassem mais, tivessem menos vergonha, se preocupassem menos com a opinião dos/as outros/as talvez obtivessem melhores resultados em suas avaliações.

A: E os colegas perguntam quando tem dúvidas?

B: Acho que não... por causa de vergonha ... acho que : é vergonha ... acho que eles não têm muita coragem de perguntá.

A: Mas eles ficam envergonhados do que?

B: Sei lá de todo mundo começá a xingá.. tirá sarro ... falá que é burro.
(Francisco, 6ª série)

A: Você pergunta as dúvidas?

B: Não... eu tenho vergonha porque quando a gente pergunta os piá⁴ tiram sarro.

A: A professora costuma falar alguma coisa?

B: Ah ela fala pra eles pararem que... a gente não nasceu sabendo.
(Tábata, 6ª série)

Porém esta vergonha não era apenas pela postura dos/as colegas. O comportamento e a reação dos/as professores/as também faziam com que eles e elas se calassem. O professor Rafael se mostrou consciente deste fato e demonstrou que uma reação inapropriada por parte dos/as professores/as, na maioria das vezes não pode ser corrigida e acaba interferindo no comportamento dos/as estudantes.

⁴ Termo utilizado pelos/as paranaenses para designar meninos.



18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Esta mesma professora disse na entrevista que preferia dar aulas aos meninos e demonstrava suspeitar que estimulasse mais os meninos do que as meninas no cotidiano da sala de aula. Pôde-se perceber que ela sofria com a própria postura e que não tinha forças suficiente para mudar a situação. Reconhecer a postura como inadequada é o primeiro passo para transformar as situações cotidianas. Tanto o professor Rafael quanto a professora Marina estavam cientes de que suas atitudes em sala de aula nem sempre eram adequadas, ou seja, já davam o primeiro passo em busca de um tratamento mais igualitário e que pudesse contribuir para a diminuição da timidez e da vergonha por parte dos/as estudantes.

A: Você prefere ensinar meninos ou meninas?

B: Eu prefiro ensinar meninos (risos) eu até fico me... como que é... como mulher eu fico me penitenciando muito por eu gostar de ensinar mais meninos ... porque eu acho assim... que eu ensino eles e eles aprendem ... e eles perguntam e eu fico entusiasmada e vai mais pra frente... mais pra frente... mas é um problema meu.... eu gosto mais de ensinar os meninos.[...] Pode ser um problema cultural meu ... que... decerto passou pra mim que menino é mais inteligente que menina... que menino é mais forte que menina ... que não sei o que... eu acabei alimentando isso ... e eu não sei... talvez eu não perceba ... talvez em sala de aula eu dê mais atenção pros meninos do que pras meninas. (Marina – professora da 5ª série)

Outra situação que chamou a atenção durante as observações ocorreu na 6ª série. Em um dia de prova, dois alunos, os dois com melhores rendimentos em Matemática daquela turma, se dirigiam insistentemente a professora para dirimir suas dúvidas com relação a resolução da prova e ela os atendia sem reclamar. Após um certo tempo, uma menina que havia permanecido o tempo todo calada tentando resolver sua prova solicitou a ajuda da professora e ela, visivelmente irritada, disse que não responderia mais nada. Passados alguns minutos os dois alunos voltaram a abordar a professora que novamente ajudou-os – talvez por isso seus rendimentos eram os melhores da turma. Ou seja, neste caso houve um silenciamento da menina que perguntou e das demais que perceberam não ter direito a receberem ajuda da professora. Este era um direito apenas dos meninos, ou melhor, de alguns meninos.





interação entre a maioria das duplas. Embora Pedro Almeida e Elaine estejam sentados com a Vânia ela parece estar sozinha, não os percebe ajudando a colega. (DC⁵ 8ª série, 03 de setembro de 2009)

Eliane e Pedro Almeida, dois dos melhores alunos da turma, se juntaram espontaneamente para a realização da atividade proposta. No dia a dia eles costumavam interagir e o fato de pertencerem a sexos distintos parecia não ter a menor importância. Já Vânia era uma aluna que praticamente não interagia com os/as colegas, com nenhum colega. Sentava na primeira carteira da fila e entrava em sala de aula muda e saía calada. Praticamente não se ouvia a voz dela durante a aula. Tinha deficiência visual e isto interferia na sua capacidade de socialização e de desenvolvimento intelectual. Após o pedido do professor, Eliane e Pedro Almeida se aproximam de Vânia, entretanto esta aproximação foi apenas física. Em momento algum percebi os colegas ajudando-a na realização da tarefa. Ou seja, havia interação entre os estudantes com o mesmo nível intelectual (Eliane e Pedro Almeida) porém transparecia a nítida exclusão da aluna que, supostamente, não poderia contribuir com a atividade. Olhando por este prisma, a interação falhou.

A maioria dos/as estudantes assumiam a preferência pelo relacionamento com estudantes do mesmo sexo. Eles afirmavam que os assuntos de interesse eram os mesmos e isso justificaria a escolha dos componentes de seu grupo de relacionamento. Bianca ressalta este fato e acrescenta a preocupação do que os outros vão falar se ela for na casa de um colega do sexo masculino para fazer o trabalho escolar. Bianca demonstrava uma preocupação em manter sua reputação ilibada e ir à casa de um menino para estudar poderia levar as pessoas a pensar que o motivo da visita seria outro. Esta preocupação de Bianca se justificava pela forma como a sociedade está acostumada a perceber a relação entre homens e mulheres, ou no caso, meninos e meninas. Se alguém tivesse que julgar como inadequada a postura de alguém seria a dela e não a do colega. Ela tem que se cuidar, ele não.

A: Por que você se relaciona mais com meninas?

B: Porque é mais fácil de pegá amizade... porque eu sou menina.

⁵ DC – Diário de campo.



A: E você acha que os assuntos de interesse são diferentes entre meninos e meninas?

B: Uhn uhn. (em sinal de concordância)

A: E pra fazer trabalho em grupos você prefere fazer com os alunos... com os piás ou com as meninas?

B: Cas meninas.

A: Por que você prefere elas?

B: Por que tem trabalhos que a gente tem que fazer em grupos em um dia... daí a gente tem que ir na casa... daí não dá pra ir na casa de um piá...daí a gente vai na casa das meninas e faz tudo junto.

A: Fica mais fácil?

B: Fica mais fácil.

A: Por que você acha que não dá pra ir na casa do piá?

B: Porque vai pensar outra coisa né... tô indo na casa dele () ou as vezes a gente faz na sala ... ou na biblioteca. (Bianca, aluna da 5ª série)

Podemos perceber que o desperdício das oportunidades de interação entre colegas de sexo oposto pode ter feito com que muitos/as desperdiçassem a possibilidade de troca de conhecimento e de crescimento que o convívio com os/as demais podem proporcionar. Neste caso, a percepção de estudantes e professores/as não mudava a situação. Eles/as conheciam o fato mas nada faziam para que isto fosse modificado. Havia o silenciamento dos/as professores/as diante das relações desiguais de gênero. As relações de gênero eram invisibilizadas e silenciadas.

A PERCEPÇÃO DE UNS/UMAS SOBRE OUTROS/AS

De modo geral os/as estudantes percebiam as meninas como mais organizadas, dedicadas e comportadas do que os meninos. Eles por sua vez, seriam mais desordeiros, expansivos, e ativos do que elas. Esta percepção era compartilhada pelos/as professores/as. Não haveria nenhum problema nesta percepção se as atitudes vistas como características dos meninos não fossem mais valorizadas do que as percebidas nas meninas, tanto no ambiente escolar como na sociedade.

Esta classificação ou tentativa de colocar todos os meninos e todas as meninas em um grupo único, uniforme e coeso, como se todos/as fossem iguais é problemático pois os/as estudantes que de alguma forma se afastam deste padrão se sentem estranhos/as, excluídos/as, fora da norma, fora do padrão. Isto ficou evidente em um determinado dia das observações no qual um menino da 5ª série se



aproximou de mim, me mostrou o caderno e pediu se eu achava a letra dele bonita. Eu respondi que sim e ele completou com a seguinte frase “no ano passado a professora disse que meu caderno parecia de menina!” Esta afirmação da professora foi tão marcante que ele sentiu a necessidade de contar isso para mim, uma desconhecida. Não há nenhum problema em elogiar o caderno, a letra ou a capacidade dos/as estudantes, entretanto não há necessidade de associar o resultado ao outro sexo. Por que um menino não pode ter letra bonita? Ser organizado? Por que uma menina não pode ter bom rendimento? Ter iniciativa?

O professor Carlos que dava aulas para a 7ª série percebia as meninas como mais agitadas e bagunceiras. Qualificou-as como “gralhas”⁶. Convém destacar que nesta turma as meninas eram mais ativas, participativas e tinham melhores rendimentos que os meninos. Este fato não foi considerado pelo professor. A suposta apatia dos meninos foi qualificada como positiva e a postura extrovertida das meninas como negativa.

A: Quem é mais bagunceiro?

B: ...eu acho que as meninas... elas falam mais ... elas conversam mais .. os meninos tem os seus momentos... tem os seus picos... quando ele faz bagunça ele extravasa... quando ele vai fazer exercício ele se concentra e faz... menina não... menina eh:::

A: Quando eu fui fazer a relação dos nomes eu não sabia o nome de cinco... nessa turma as meninas são mais...

B: [são umas “gralhas”... mas não é só nessa turma... é em todas elas ... o que você está me perguntando eu não tô me baseando somente nesta turma... me baseei no geral... no geral é assim mesmo... o menino extravasa na hora que tem que extravasar e na hora da concentração ele se concentra... a menina não... a menina é a todo o momento.

A: Será que eles têm mais facilidade de concentração?

B: ... eu acho que sim... com certeza. (Carlos, professor da 7ª série)

No que diz respeito ao rendimento escolar, os meninos consideravam que as meninas obtinham melhores notas e as meninas, por sua vez, pensavam que eles é que se saiam melhor nas avaliações. Esta percepção era equivocada pois tanto meninas quanto meninos não obtinham bons resultados, de modo especial na 6ª série, turma na qual este fato foi mais marcante. Porém ressalta que tanto eles

⁶ Segundo o site Wikipédia este “é um nome comum para vários pássaros de tamanho pequeno, geralmente coloridos e barulhentos”.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



quanto elas consideravam a postura do/a outro/a em sala de aula como mais adequada para o aprendizado.

Outro fato que chamou a atenção nas entrevistas foi que os professores Marina e Carlos consideravam que as atitudes mais ousadas e ativa das meninas configuravam algo negativo. A professora Marina se sentia afrontada pelas meninas que questionavam suas ordens e o professor Carlos considerava as meninas participativas como “gralhas”. Estes dois casos evidenciavam que eles não gostavam que os/as estudantes ultrapassassem os limites por eles definidos e fugissem do padrão, daquilo que era esperado deles e delas.

Por outro lado, o professor Rafael ressaltou na entrevista a postura da aluna Eliane. Disse que dava gosto ensinar para estudantes como ela. A reação da menina durante as explicações do conteúdo encantava o professor que chegou a dizer que era quase possível ver o cérebro dela funcionando. Ele se demonstrou fascínio pela conduta e capacidade intelectual da aluna. Classificou-a como brilhante, contrariando o argumento de Walkerdine que afirmava que “era mais fácil um elefante passar pelo buraco de uma agulha que uma mulher ser considerada brilhante em Matemática.” (1995) Esta aluna tinha o comportamento que os/as professores/as citados/as anteriormente consideravam como negativos quando manifestado por meninas e o professor Rafael percebia como extremamente positivo. Por outro lado, este professor se calou diante do rendimento de Pedro, aluno que fechou o ano com a melhor média da turma e que durante todo o período da pesquisa se mostrou participativo e questionador. Cabe ressaltar que em um dos primeiros dias de observação na 8ª série este professor me falou que a turma não aceitava muito bem o Pedro pois o consideravam com comportamento afeminado, evidenciando que a suposta homossexualidade dele o excluía do grupo, tornava-o um estranho para os/as colegas e talvez invisível para o professor.

Com base no que foi colocado até aqui pode-se perceber que as percepções de estudantes e professores/as são baseadas em estereótipos de gênero. Os/as estudantes são enquadrados/as num padrão do que é ser homem e do que é ser mulher e ali devem permanecer. Os que se afastam deste padrão, em sua maioria, são vistos como problemáticos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar, no desenvolvimento da pesquisa que o tema gênero era praticamente um desconhecido dos/as professores/as e totalmente desconhecido dos/as estudantes. Este fato fazia com que as relações de gênero passassem despercebidas por eles e elas. Despercebidos sim, ausentes jamais. Permeavam os comportamentos cotidianos do quadro docente e discente mesmo que estes não as percebessem.

Observamos que naquele ambiente ocorriam muitas relações. Classe, raça, capacidade intelectual, sexualidade eram temas recorrentes, porém, por não fazerem parte do objetivo da pesquisa não foi considerado, porém estavam ali, presentes, fortes, marcantes.

As relações de gênero eram invisibilizadas e silenciadas naquele ambiente e as meninas também eram caladas e silenciadas. Isso se dava pelo fato de que os/as professores/as não ouviam ou não davam atenção para os questionamentos delas. Não percebiam que as relações de gênero se faziam presentes no seu cotidiano. Durante a entrevista, algumas vezes tive a sensação de que era a primeira vez que os/as professores/as pensavam sobre o assunto.

A pesquisa se mostrou rica em detalhes que sutilmente colaboram para a construção e manutenção de estereótipos de gênero. Mostrou que os/as estudantes desta faixa escolar já traziam estes estereótipos consolidados. Percebiam comportamentos diferenciados de meninas e meninos e também de professoras e professores. Em momento algum percebeu-se algum comentário direto por parte dos/as professores/as que inferiorizasse um gênero em relação ao outro, porém nas entrelinhas isso ficava evidente.

Uma das principais contribuições que esta pesquisa trouxe para a comunidade foi evidenciar a necessidade de formação de professores/as para estes/as tenham capacidade de agir nos momentos em que as situações de preconceito ocorrem. Este fato pode contribuir para que a vergonha perca importância no cotidiano escolar e os/as estudantes passem a expor mais suas dúvidas e contribuições. A melhora na

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



autoestima e na autoconfiança dos/as estudantes poderia contribuir para a melhora no desempenho escolar e para a diminuição das desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO M. G., Marília Gomes. Desempenho escolar em Matemática: o que o gênero tem a ver com isso? In: CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da., CARVALHO, Marília Gomes de. (Orgs) **Igualdade na Diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia**. 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Entre silenciamentos e invisibilidades**: as relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática. 2011, 261f. Tese (Doutorado em Tecnologia), Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

COSTA, Claudia de Lima. O leito do procusto. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 141-174, 1994.

CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO M. P, Marília Pinto. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p. 113-143, jan./jun. 2006.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 121-130, set./dez. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. Gênero no mundo do trabalho: variações sobre um tema. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 5, ano 2, 2005, p. 9-20.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.